

ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA E O PENSAMENTO GALEGO. SOBRE A SAUDADE, PIÑEIRO, ORTEGA E HEIDEGGER

Luís G. Soto

Universidade de Santiago de Compostela, Facultade de Filosofía
Praza de Mazarelos, s/n, 15782 Santiago de Compostela, Galiza, España
(0034)881812526 | luisg.soto@usc.es

Resumo: Neste noso texto, dissertaremos sobre o estudo do pensamento galego na obra de António Braz Teixeira.

Palavras-chave: pensamento portuguê, pensamento galego, António Braz Teixeira

Abstract: In this text, we will discuss the study of Galician thought in the work of António Braz Teixeira.

Keywords: Portuguese thought, Galician thought, António Braz Teixeira

Saudade, pensar galego e filosofia espanhola

No IV Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade, realizado em 4 e 5 de Novembro de 2011, no Porto, Viana do Castelo e Amarante, numa das sessões, o professor António Braz Teixeira pus a questão de “se será possível ou não entender e pensar o sentimento saudoso, tanto na sua dimensão universal e mais radicalmente humana como no modo particular como ele se vivencia e exprime na língua de Rosalía e Cunqueiro, a partir da filosofia espanhola contemporânea, decerto mais próxima ou afim do pensar galego do que a filosofia germânica”¹. E na sua intervenção, lembrando traços significativos do pensamento de Ortega, Unamuno, Zambrano, Zubiri e Marías, o professor Braz Teixeira, não sem matizes (op. cit., p. 277), concluiu respondendo afirmativamente a interrogação inicial: “penso haver carreado elementos e argumentos que justifiquem ou fundamentem uma resposta afirmativa à interrogação [...] de se, diversamente do que o tem feito a generalidade dos pensadores galegos do nosso tempo, seria possível encontrar no pensamento de aqueles ou de outros filósofos espanhóis do século XX, perspectivas, conceitos ou noções que possibilitassem abordar, especulativamente, o sentido e o valor metafísico do sentimento saudoso e fundar uma sua nova e diversa compreensão filosófica” (op. cit., p. 280).

Quando então, naquela tarde de Novembro de 2011, estava a ouvir a comunicação, vinham à minha cabeça algumas lembranças e conjeturas, pensando em Piñeiro, que iam no sentido contrário e permitiam explicar, hipoteticamente, porquê Piñeiro, ao reflexionar sobre a saudade, na década de 1950 recorrera a Heidegger e não, como poderia ter feito, a Ortega ou Unamuno. Mas, naquela data, não disse nada: ao fim e ao cabo, eram só ideias soltas e vagas. Quando, anos mais tarde, li o texto publicado reapareceu aquela impressão, mais nítida e melhor sustentada. Vou retomá-la e expô-la agora.

Adianto que o que direi não contradiz, no essencial, a tese do professor Braz Teixeira, mas pode servir como uma nota de rodapé ou à margem. Comparto a sua argumentação e conclusões no fundamental, a saber: 1) que o pensamento galego contextualiza-se no pensamento espanhol e 2) que neste há, como ele assinala, elementos para pensar a saudade.

¹ António Braz Teixeira, “Da possibilidade de pensar a saudade a partir da filosofia espanhola contemporânea”, in António Braz Teixeira, Arnaldo Pinho, Maria Celeste Natário, Renato Epifânio (coords.), *Sobre a Saudade*, Zéfiro, Sintra, 2012, p. 268.

A saudade, Piñeiro, Ortega e Heidegger

Antes de começar, comento que eu não queria falar deste tema, porque o esquecera por completo. De facto, quando soube que haveria um colóquio sobre o professor Braz Teixeira, disse aos organizadores: “Muito bem. Eu falarei sobre o direito, sobre filosofia do direito”. Algumas semanas depois, quando fizeram a chamada à participação, acrescentaram-me o pedido de que a minha proposta de comunicação versasse sobre “Braz Teixeira e o pensamento galego”. Pensei, no momento e durante vários dias, que era impossível, que eu nem sabia nada nem tinha nada que dizer sobre esse tópico. Escrevi aos organizadores dizendo que enviaria uma proposta, mas sobre filosofia do direito.

A razão desta teimosia com o direito é que eu lera, com muito interesse, o *Breve tratado da razão jurídica*². Gostara muito e ficara com a vontade de escrever algo sobre isso. Não o fiz, porque queria ler também *Sentido e valor do direito*³ e, naquela altura, não pude. Via agora, neste congresso, a ocasião para o fazer. Por isso, insisti. E pus-me a ler esse livro, subtulado “introdução à filosofia jurídica”. Levava vários dias e já estava a concluir a leitura, quando despertei em plena noite, acordado pelo fantasma da saudade, a emergir sob as figuras de Piñeiro, Ortega e Heidegger, de que algures e outrora falara o professor Braz Teixeira.

As lembranças e as ideias não me deixaram adormecer: no congresso devia falar sobre isto: Braz Teixeira, a saudade, Piñeiro, Ortega e Heidegger. Mas, não recordava ainda nem a comunicação de aquela tarde de Novembro, nem a publicação posterior. Felizmente, o esquecimento deu passo à memória.

Piñeiro, Ortega e Heidegger

Por que razão Ortega não e, no entanto, Heidegger sim? Tentarei responder esta questão fazendo algumas conjeturas com apoio em alguns factos que, em meu ver, marcam o pensamento de Piñeiro, que condicionam o seu desenvolvimento. Primeiro, tratarei o afastamento de Ortega, que, contudo, não é absoluto. Depois, abordarei a aproximação de Heidegger, que, no entanto, não é apenas circunstancial.

² António Braz Teixeira, *Breve tratado da razão jurídica*, Zéfiro, Sintra, 2012.

³ António Braz Teixeira, *Sentido e valor do direito*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2010, 4ª edição.

Piñeiro

Antes de mais, assinalo que eu não conheci Ramón Piñeiro. Nunca o vi, nem de longe, pela rua ou numa conferência, por exemplo. Soube dele, da sua obra, provavelmente quando eu estudava filosofia em Santiago na segunda metade da década de 70. Tratei algumas pessoas que tinham relação com ele, mas nunca cheguei até ele. Por exemplo, já na década de 80, um colega da faculdade, bolsheiro de investigação como eu naquela altura, fazia e fez uma tese sobre o discurso nacionalista galego⁴. Entre outros personagens destacados, entrevistou Piñeiro, e falou-me dele. Quiçá este colega meu referiu-me uma anedota, transmitida por Piñeiro e relacionada com Heidegger, que contarei mais tarde.

Piñeiro, naqueles anos, o primeiro lustro da década de 80, era um personagem oficial: membro da Academia Galega, foi deputado no Parlamento de Galiza, presidiu o Conselho da Cultura Galega. Saliento isto, porque a Espanha saída da constituição de 1978, e a Galiza correspondente, não é alheia às ideias de Ortega⁵. Nos ambientes político e cultural do nacionalismo galego, Piñeiro era criticado e rejeitado por duas traições: a deserção da luta política⁶, abandonada pela resistência cultural com a fundação, na década de 50, da editorial Galaxia e a revista *Grial*; a condena do reintegracionismo (op. cit., pp. 528-546), a tendência que propugna uma aproximação da língua galega da portuguesa, visibilizada na polémica com Rodrigues Lapa e, sobretudo, sancionada em 1982, com a promulgação pela Academia Galega das normas para a escrita do galego. Piñeiro fora, depois da Guerra Civil, um notável resistente antifascista, sofrendo prisão na década de 40. E também defendera, nas suas reflexões sobre a saudade, a comunidade cultural galego-portuguesa. Este segundo aspecto⁷, na verdade, revestia menos importância, dado o carácter minoritário do reintegracionismo⁸.

⁴ Julio Cabrera Varela, *La nación como discurso. El caso gallego*, Siglo Veintiuno de España, Madrid, 1992.

⁵ Cfr. Alejandro de Haro Honrubia, “La propuesta autonomista de Ortega y Gasset: un claro antecedente de la configuración autonómica del estado español de 1978”, in *La transición a la democracia en España: actas de las VI Jornadas de Castilla-La Mancha sobre Investigación en Archivos*: Guadalajara, 4-7 de noviembre 2003, Vol. 2 (COMUNICACIONES: CD-Rom), ANABAD, Toledo, 2004, p. 23, pp. 1-30.

⁶ Miguel Barros, *Ramón Piñeiro e a revisión do nacionalismo. Vol.2 Acción política*, Galaxia, Vigo, 2009, pp. 259-302.

⁷ Cfr. António Gil H., “Reações, na Galiza, à proposta do prof. Rodrigues Lapa para formalizar as falas galegas”, in *Nova Renascença 72/73*, Porto, 1999-2001, pp. 83-102.

⁸ Em nossa opinião, cabe, e cumpre, relacionar a tendência imperante, após a Guerra Civil e sobretudo desde a década de 70, contrária ao reintegracionismo com a observação inicial de Braz Teixeira (“Da possibilidade de pensar a saudade a partir da filosofia espanhola contemporânea”, op. cit., p. 268): “Diferentemente do que fizera Ramón Cabanillas, ao pensar a essencial dimensão saudosa da poesia

Piñeiro, Nós e Ortega

Ora bem, Piñeiro⁹, antes da Guerra Civil, era já nacionalista, ligado ao Partido Galeguista. Por essa circunstância, ao desatar-se a contenda, para salvar a vida, teve de alistar-se no exército sublevado. A guerra foi para ele uma experiência duríssima e de afirmação nas suas convicções. Não vamos lembrar aqui a posição de Ortega durante a Guerra Civil. Mas, indo aquém desses momentos, qual era a cultura política do nacionalismo galego em que se formou Piñeiro? Qual a posição dos pensadores galeguistas, do chamado grupo de Nós, ou seja, Pedrayo, Risco e Castelao, a respeito de Ortega e, também, de Unamuno?

Se visitarmos três textos chaves, fundamentais na cultura nacionalista galega, como são o romance *Arredor de si*, de Ramón Otero Pedrayo¹⁰, o artigo “Nós, os inadaptados”, de Vicente Risco¹¹, e o livro *Sempre en Galiza*, de Castelao¹², encontraremos um pensamento que rejeita explicitamente a filosofia de Ortega (e de Unamuno), não apenas no seu aspecto político. Por referir este, não esqueçamos que Ortega é autor do livro *España invertebrada*¹³, que contém algum furibundo ataque aos nacionalismos periféricos, nomeadamente ao galego¹⁴. Ortega, como Unamuno, eram ideologicamente próximos do nacionalismo espanhol até ao ponto de condescender, e inclusive simpatizar inicialmente Unamuno, com a sublevação militar de signo fascista, capitaneada pelo general Franco, que deu lugar à Guerra Civil.

Compreende-se, por esta discrepância e disparidade políticas intensas e profundas, que Ortega (e Unamuno também) não estava no horizonte de Piñeiro quando escreveu

galega com base na teoria da saudade de Teixeira de Pascoaes, as mais relevantes reflexões e propostas teóricas sobre a saudade surgidas, na Galiza, desde o início da segunda metade de Novecentos têm-se desenvolvido, em larga medida, a partir do pensamento alemão e de modo especial da filosofia heideggerina”.

⁹ Uma sucinta aproximação biográfica: Tareixa Roca, “Ramón Piñeiro: Nota bio-bibliográfica”, in *Nova Renascença* 72/73, Porto, 1999-2001, pp. 53-57.

¹⁰ Ramón Otero Pedrayo, *Arredor de si*, Nós, A Corunha, 1930. Citarei pela edição facsimilar realizada pela Xunta de Galicia em 2007.

¹¹ Vicente Risco, “Nós, os inadaptados”, in *Nós*, tomo 10, nº 115, Ourense-Santiago, 1933, pp. 115-123. Citarei pela edição facsimilar: Galaxia, vol. V (1932-1933), Vigo, 1980.

¹² Castelao, *Sempre en Galiza*, As Burgas, Buenos Aires, 1944, 1961. Citarei pela edição crítica, que reproduz em facsimile o texto de 1961, publicada pelo Parlamento de Galicia e a Universidade de Santiago de Compostela em 2000.

¹³ José Ortega y Gasset, *España invertebrada. Bosquejo de algunos pensamientos históricos*, Espasa-Calpe, col. Austral, Madrid, 1967, 2ª ed. A edição original é de 1922.

¹⁴ Assim: “En Galicia, tierra pobre, habitada por almas rendidas, suspicaces y sin confianza en sí mismas, el particularismo será reentrado, como erupción que no puede brotar, y adoptará la fisonomía de un sordo y humillado resentimiento, de una inerte entrega a la voluntad ajena, en que se libra sin protestas el cuerpo para reservar tanto más la íntima adhesión” (Ortega y Gasset, *España invertebrada*, op. cit., p. 60).

as suas reflexões sobre a saudade. Além da política, a cultura filosófica do nacionalismo galego, em que se formara Piñeiro, era também divergente. Nos textos antes citados, de Pedrayo, Risco e Castelao, essa divergência é nítida, frontal e quase absoluta. Apesar das grandes diferenças existentes entre estes três pensadores do galeguismo.

Em *Arredor de si*, um *bildungsroman* da consciência e a vontade do nacionalismo galego, o protagonista, um moço de uma aldeia galega, persegue, em Madrid e Castela, converter-se em espanhol: parafraseando Ortega, ele é um “invertebrado” e quer “vertebrar-se”¹⁵. O resultado do seu percurso será o contrário: a adoção da perspectiva e o ideário nacionalistas galegos. A visão de Ortega (e de Unamuno, e demais pensadores espanhóis) é objeto de uma crítica e uma rejeição pormenorizadas, que incluem a ironia, a burla e a paródia.

Em “Nós, os inadaptados”, Vicente Risco fustiga o espanholismo (e o castelhanismo), sob a forma de “patriotismo” e de “casticismo”¹⁶, e até o espanhol e o castelhano: “Non sentiamol-o hespañol, e se respeito da Europa eramos orientalistas, respeito da Hespaña eramos europeistas. E cand’outros escritores modernistas, que nós coidabamos que dicían conosco, emprincipiaron os cantos a Castela e â vella España, foron por nós condanados ao esquecemento e ao disprecio” (op. cit., p. 119).

Por último, em *Sempre en Galiza*, são frequentes as referências críticas a Ortega¹⁷ e Unamuno (op. cit., pp. 169, 275, 292-293, 381). Publicou-se em Buenos Aires, por primeira vez em 1944 e, de forma completa e definitiva, em 1961. A primeira edição (1944) contém o “adro” (Badaxoz, 1935) e os livros “primeiro” (Barcelona-Valência, 1937), “segundo” (Nova Iorque e Atlântico, 1940) e “terceiro” (Buenos Aires, 1943). Na segunda edição (1961), acrescentou-se o livro “quarto” (Paquebote “Campana”, 1947), formado pelo material inédito que Castelao destinava para um segundo volume da sua obra. Neste texto, Castelao expõe a filosofia política do nacionalismo galego, anterior e posterior à Guerra Civil. Apesar do lugar e as datas de edição, é muito provável que Piñeiro, dada a sua vinculação com o galeguismo, conhecesse os textos (inclusive o acrescentado em 1961) na década de 40.

Piñeiro e Ortega

¹⁵ Por exemplo, Ramón Otero Pedrayo, *Arredor de si*, op. cit., p. 50, p. 81.

¹⁶ Vicente Risco, “Nós, os inadaptados”, op. cit., p. 118.

¹⁷ Castelao, *Sempre en Galiza*, op. cit., pp. 294-395, 306-307, 327.

Voltando a Piñeiro, pela nossa parte, não deixamos de ouvir na sua filosofia da saudade¹⁸ um enfrentamento silencioso com o pensamento espanhol do corte de Ortega (e de Unamuno)¹⁹.

Ora, esta circunstância, esse desvio no olhar ao filosofar sobre a saudade²⁰, não significa que não haja, e de facto tem havido, coincidências importantes entre eles. Anos depois dos tempos da saudade, entre 1966 e 1970, Piñeiro lecionou alguns verões na universidade de Middlebury, nos EUA, e os seus cursos versaram sobre “o pensamento espanhol”, nomeadamente Ortega e Unamuno²¹.

Também mencionei antes que Ortega (a sua *España invertebrada* e, sobretudo, *La redención de las provincias y la decencia nacional*²²) serviu de inspiração para o tratamento da questão das nacionalidades espanholas na constituição de 1978 e na legislação posterior. O filósofo propusera, como remédio para combater as nacionalidades refratárias ao estado unitário, dar a todas as regiões (ou comarcas, como ele dizia), com independência de que o demandassem ou não, um trato igual²³. Com isto, em sua opinião, conseguir-se-ia desativar ou, pelo menos, conter o federalismo ou o independentismo dos nacionalismos periféricos. É a fórmula, hoje conhecida na terminologia da cultura política espanhola, como “café para todos”. Piñeiro, na política galega, assumiu e representou, como figura eminente, esta posição.

Piñeiro e Heidegger

De maneira mais ou menos convincente, defendi, até ao momento, porquê Ortega não. Devo agora enfrentar a segunda parte da questão: Porquê Heidegger sim? Para isso, vou apresentar um novo personagem, um intelectual amigo de Piñeiro coetâneo e conterrâneo seu: Celestino Fernández de la Vega. Com ele, Piñeiro realizou vários

¹⁸ Ramón Piñeiro, *Filosofía da Saudade*, Galaxia, Vigo, 1984. Os ensaios recolhidos pertencem mormente à década de 50: “A Filosofía e o Home” (1955), “Significado metafísico da Saudade” (1951), “Para unha filosofía da Saudade” (1953), “Saudade e Sociedade, dimensións do Home” (1975), “A Saudade en Rosalía” (1952).

¹⁹ Alguma vez, nomeadamente: Ramón Piñeiro, “Significado metafísico da saudade. Notas para unha filosofía galaico-portuguesa”, op. cit., p. 39. Ortega é citado, em positivo, em “Saudade e Sociedade, dimensións do Home”, op. cit., p. 84. Note-se que este ensaio é de 1975.

²⁰ Existiu, pelo menos, um interesse de Ortega pela saudade: José Ortega y Gasset, *Saudade: Notas de Trabalho/Notas de Trabajo*, edição bilíngue, trad. port. Maria J. Monteiro Tavares, Sete Caminhos, Lisboa, 2006. Ora, é muito improvável que, na década de 50, Piñeiro tivesse conhecimento destas notas.

²¹ Miguel Barros, *Ramón Piñeiro e a revisión do nacionalismo. Vol.2 Acción política*, op. cit., p. 9.

²² José Ortega y Gasset, *La redención de las provincias y la decencia nacional. Artículos de 1927 y 1930*, Revista de Occidente, Madrid, 1931.

²³ Ortega y Gasset, *La redención de las provincias*, op. cit. No seu projeto, Espanha estaria organizada em dez regiões ou comarcas: Galiza, Astúrias, Castela a Velha, País Vasco-Navarro, Aragão, Catalunha, Levante, Andaluzia, Estremadura e Castela a Nova.

trabalhos. Ambos publicaram conjuntamente duas traduções do alemão para o galego: o *Cancioeiro da poesía céltiga* de Julius Pokorny, em 1952²⁴, e *Da esencia da verdade* de Martin Heidegger, em 1956²⁵. Podemos conjeturar, com pouca margem de erro, que o conhecimento do alemão e de Heidegger são devidos a Celestino Fernández de la Vega. E a introdução, tradução e notas de *Da esencia da verdade*, também²⁶.

Celestino

Fernández de la Vega foi um destacado intelectual galeguista, com contributos diversos, também sobre a saudade, que achamos em publicações, já na década de 50 em *Grial* e em *Galaxia*, sendo sócio fundador desta editora, emblemática da cultura galega. No entanto, o seu trabalho mais eminente é posterior, o livro, excelente, intitulado *O segredo do humor*²⁷, escrito a instâncias de Piñeiro.

Celestino, permitam que o chame assim, formou-se em direito e trabalhou como funcionário público toda a sua vida, ou quase, na cidade de Lugo. Era pessoa de grande curiosidade intelectual, tendo-se debruçado sobre temas e assuntos vários, mormente ligados a Lugo. Ao longo de décadas, fez parte de várias tertúlias, que ele mesmo propiciava e animava. Algum tempo depois da sua morte, em 1986, Ricardo Carvalho Calero, amigo dele e também de Piñeiro, disse-me que Celestino fora a pessoa com maior liberdade de espírito que tratara na sua vida. Entre os seus interesses, contava-se a filosofia, nomeadamente, e em especial, o pensamento de Heidegger, cuja obra seguia nas edições originais. Provavelmente adquiridas, pelo menos alguma vez, nas suas viagens. Porque Celestino, segundo lembro, gostava de viajar, por Galiza e também pelo estrangeiro. Recordo vagamente um regresso seu, e os comentários, de uma viagem por Europa.

²⁴ Julius Pokorny, *Cancioeiro da poesía céltiga*, tradución de Celestino F. de la Vega e Ramón Piñeiro, Bibliófilos Gallegos, Santiago de Compostela, 1952.

²⁵ Martin Heidegger, *Da esencia da verdade*, introdución, tradución e notas de Celestino F. de la Vega e Ramón Piñeiro, Galaxia, Vigo, 1956. A tradución foi autorizada por Heidegger em 1950 e estava já concluída em 1952: Ramón López Vázquez, “Da esencia da verdade: unha tradución con aquel”, in M^a Jesús Vázquez Lobeiras, Juan Vázquez Sánchez e César Raña Dafonte (eds.), *Experientia et Sapientia. Estudos dedicados a la memoria de Ángel Álvarez Gómez*, Santiago, Universidade de Santiago de Compostela, 2007, p. 274, nota 5 e nota 7.

²⁶ “A Introducción (pp. 15-33) é exclusiva de Fdez. de la Vega. E a tradución, case. Sospeito que a axuda de Piñeiro reduciuse a cuestións de detalles lingüísticos. [...] podemos supor que a axuda de Piñeiro limitouse ao que foi sempre: animar, gabar e impulsar a Fernández de la Vega a escribir, traducir, participar, intervir, etc.” (Ramón López Vázquez, “Da esencia da verdade: unha tradución con aquel”, op. cit., p. 274, nota 4).

²⁷ Celestino Fernández de la Vega, *O segredo do humor*, Galaxia, Vigo, 1963.

Não disse que Celestino fazia parte, de longe, da minha paisagem familiar em Lugo, onde eu desde criança passei longas temporadas na casa das minhas tias. Conheço desde a infância alguns dos seus sobrinhos, mais ou menos da minha idade, mantendo estreita amizade ao longo dos anos. Um deles, hoje médico e que foi médico de Celestino, e eu temos feito trabalhos conjuntos, escrevendo sobre bioética. Também, um dos seus filhos estava entre os nossos companheiros de jogos e diversões, ora na rua, ora na casa dos sobrinhos ora na casa das minhas tias. Desde a infância e na juventude, Celestino foi para mim um personagem familiar, mas cuja irradiação me chegava, sobretudo, por via indireta, através dos sobrinhos. Comentávamos as suas opiniões, que alguma vez escutávamos diretamente dele, mas rara vez conversávamos com ele, provavelmente por sermos demasiado jovens. Pela minha parte, não lembro ter falado nunca com ele, exceto de pequenas cousas triviais do dia a dia. Nem lia os escritos dele, exceto ao acaso algum dos artigos que publicava no jornal de Lugo, *El Progreso*. Mesmo sendo estudante de filosofia e depois licenciado, apesar de saber do seu conhecimento de Heidegger, não cheguei a falar com ele disso, talvez precisamente porque pensava que podia fazê-lo a qualquer momento. Também não assisti a nenhuma das suas tertúlias, pois, como disse, os sobrinhos e eu éramos demasiado jovens. Víamo-lo no café, desde a rua, entre o grupo da tertúlia. Às vezes entrávamos, mas era para dar um recado ou pedir algo.

É possível que em alguma ocasião, quando passávamos por ali em finais da década de 60 e em começos da década de 70, estivesse lá Piñeiro. Se se encontrava ali, como eu não o conhecia, não o reconheci. Por isso, disse antes que creio que nunca vi o Ramón Piñeiro.

Piñeiro, Celestino e Heidegger

Podem ter intervindo outras pessoas, mas com grande probabilidade, e eu diria com certeza, Celestino Fernández de la Vega teve um papel fundamental no conhecimento e a aproximação de Piñeiro da filosofia de Heidegger. De facto, existia entre eles, Celestino e Piñeiro, uma relação estreita e ambos publicaram, como um trabalho conjunto, a tradução galega de *Da esencia da verdade* de Heidegger, que provavelmente acordou Celestino, com a intervenção²⁸ de Domingo Carvallo²⁹, outro

²⁸ As “gestões pessoais” diz a nota da Editorial Galaxia que abre o livro (Martin Heidegger, *Da esencia da verdade*, op. cit., p. 7).

filósofo galego³⁰, com o filósofo alemão. Piñeiro e Celestino pretendiam, com essa tradução, defender e prestigiar a língua galega em tempos muito duros, vertendo nas suas palavras o pensamento de um filósofo contemporâneo de primeira linha mundial³¹. Quero sublinhar aqui o gesto e compromisso de Heidegger concedendo essa tradução. Não deve estranhar-nos a sua influência depois no pensamento galego. Ora, além deste motivo circunstancial, a relação com Celestino Fernández de la Vega, que tenha posto Heidegger no caminho de Piñeiro, talvez haja algo mais que permita vincular a filosofia do alemão com o pensamento do galego. Nas suas reflexões sobre a saudade Piñeiro discrepa de Heidegger e das abordagens heideggerinas como a de Fernández de la Vega³². Mas, em nossa opinião, há alguns elementos que, no fundo, as aproximam. Estamos a pensar numa peculiar experiência da saudade. Vou tentar apresentá-la indo à linguagem corrente e à experiência comum. Ou seja, como não faria Piñeiro, perscrutador especulativo de uma pretensa saudade metafísica.

Senhardade

Piñeiro era natural de uma aldeia próxima da cidade de Lugo: S. Pedro de Armea, no concelho de Láncara. Celestino de outra, também perto de Lugo: Friol. Ambas as aldeias estão em direções diferentes. Nunca estive em Láncara, mas tenho vontade de ir. E, de passagem, visitar a casa originária de um ilustre filho adotivo desse concelho: Fidel Castro. Fui, no entanto, muitas vezes a Friol. E até estive na casa, já desabitada, de Celestino. Conheço aquelas terras, as estradas. Também as terras de Piñeiro, mas não Láncara.

No seu magnífico e maravilhoso livro, *A saudade portuguesa*, Carolina Michaëlis de Vasconcelos recolhe um vocábulo, que ela diz asturiano, que designa também a saudade: senhardade³³. Asturiano? Corrijamos a grande Carolina: pelo menos, também galego³⁴. É uma palavra viva em boca do povo, que a usa para nomear uma particular saudade. Típica da província de Lugo, soube do vocábulo na expressão dos poetas da

²⁹ “Por medio do tamén lucense Domingo Carvalho, “amigo personal de Heidegger” –“Lieber Herr Carvalho” (Heidegger)– e doctorando na Universidade de Friburgo, xestionan a autorización e unha “carta-prólogo especial para esta edición.” (Ramón López Vázquez, “Da esencia da verdade: unha tradución con aquel”, op. cit., p. 274).

³⁰ Segundo regista Ramón López Vázquez (“Da esencia da verdade: unha tradución con aquel”, op. cit., p. 274, nota 6), Domingo Carvalho é autor de: *Die Ontische Struktur*, Neske Pfullingen, Stuttgart, 1961; e *Die Ontische Stimme*, Rudolf Godschagg, Freiburg/Br., 1965.

³¹ Cfr. A nota preliminar da Editorial Galaxia (Martin Heidegger, *Da esencia da verdade*, op. cit., p. 7).

³² Ramón Piñeiro, “Para unha filosofía da Saudade”, op. cit., pp. 52-55.

³³ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *A Saudade Portuguesa*, Estante Editora, Aveiro, 1990, p. 46.

³⁴ Também a recolhe Piñeiro: “Saudade e Sociedade, dimensións do Home”, op. cit., p. 96.

chamada Terra Chá. Por exemplo, Aquilino Iglesia Alvariño, um autor de referência na poesia galega contemporânea, publicou em 1930 o poemário *Senhardá*³⁵. Outro exemplo: em 1977, o grupo musical Fuxan Os Ventos publicou o disco *O tequeletequele*, que inclui uma canção, “O carro”, com letra do poeta Manuel Maria, cuja primeira estrofe diz: “Non canta na Chá ninguén,/ por éso, meu carro canta,/ canta o seu eixo tan ben/ que a señardade me espanta”³⁶. O que significa esta palavra, senhardade?

Talvez a ouvi a familiares meus, mas, sobretudo, conheço-a no seu uso vulgar desde tempos mais recentes, nos começos do século XXI. Passeava com um amigo, professor de filosofia, então destinado num liceu em Palas de Rei, pelos campos da formosa comarca da Ulhoa. Íamos por caminhos, baixo árvores frondosas, seguindo curso do rio Pambre, com intenção de chegar ao castelo que ali há, quando ele pronunciou a palavra senhardade, precisamente para fazer troça de Heidegger, sem o nomear. Em síntese, dizia que naquelas paisagens temia ficar siderado e quedar ali para sempre: naquela província do ser, naquela região do ente. Eu disse-lhe: temes converter-te num nazi? Apenas num cúmplice, pelo silêncio, respondeu. Era uma piada. Estávamos a falar da tese que ele fazia e eu dirigia: sobre Deleuze³⁷. Senhardade vinha a ser, neste caso, deserção do trabalho e absorção pela natureza. Pensei que empregara a palavra senhardade como um cultismo, porque a aprendera, como eu, em leituras. Pois, não. Além dos livros, segundo me aclarou, era uma palavra frequente na família da sua mulher. “Di-la meu sogro quando vai com o trator pelo monte”, acrescentou. Alguns anos depois estive por aquelas terras, Pol, a norte da cidade de Lugo. Passando um dia com eles. Depois de almoçar, passeamos pelos caminhos, os bosques e os campos da senhardade.

O que é a senhardade? Podemos defini-la como um sentimento de solidão e da singularidade (de aí vem a palavra, de singularitatem)³⁸. Imaginemos uma camponesa ou um camponês, a trabalhar só numa leira: avança a tarde, cai o sol. Ela ou ele faz uma pausa, deixa de ouvir-se o ruído do seu trabalho e só chegam os sons da natureza. Ninguém, tudo é solidão, que remete para a consciência do indivíduo, a existir em

³⁵ Aquilino Iglesia Alvariño, *Senhardá*, Palacios Editor, Lugo, 1930.

³⁶ Fuxan Os Ventos, *O tequeletequele*, Philips-Fonogram, Madrid, 1977. Obteve um grande sucesso em toda a Espanha.

³⁷ Miguel Angel Martínez Quintanar, *La filosofía de Gilles Deleuze: del empirismo trascendental al constructivismo pragmático*, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2007.

³⁸ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *A Saudade Portuguesa*, op. cit., p. 46, nota 48.

singular. Reconhecemos aqui alguma das ideias medulares de Piñeiro³⁹. Ele fala em saudade metafísica, sem objeto, diferente das saudades objetuais, nomeadamente a do amor e a da terra. E também assinala a singularidade. Como a nossa paisana, a trabalhar na sua leira ou pelos caminhos do monte: aparentemente não há objeto, tudo é solidão e, no limite, vazio. Mas há um objeto: é o próprio sujeito na sua auto-reflexão e na sua auto-determinação, i.e., como consciência e vontade do vazio e do ser na solidão da humanidade.

Heidegger e a Galiza?

Talvez isto, a senhardade, de que não fala Piñeiro, mas que ele, como Celestino e as gentes de Lugo sabem o que é, aproximou o seu pensamento da filosofia de Heidegger. Mas, e Heidegger? Houve um movimento inverso, de Heidegger em direção à cultura galega? Sabemos que ele autorizou a publicação em galego de *Da esencia da verdade*. O interesse comercial ou publicitário cabe descartá-los, ambos minúsculos. Há um par de anos, uma colega minha, professora de filosofia na faculdade de Humanidades em Lugo, que trabalha no espólio de Celestino Fernández de la Vega, para animar-me a que me somasse a essa empresa, enviou-me por correio electrónico uma foto de um papel de Celestino: a cessão de direitos para a publicação de *Da esencia da verdade*. Ela fotografou apenas um canto do papel: lê-se algo do texto mecanografado e vê-se claramente a assinatura feita à mão, o autógrafo: Martin Heidegger.

Quando visito aqueles amigos meus, seja em Lugo, seja em Corrubedo, a aldeia na ria de Arousa onde fazem férias, as comidas vão precedidas de acepipes: chouriço, presunto e outros produtos da casa e a terra deles, lá em Pol. E quando regresso para a casa, sempre levo algo. Ela é muito obsequiosa e eu não posso evitar aceitar alguns chouriços. Poucos, porque, de facto, eu desde os 25 anos não como carne, sempre que é possível. Faço uma pequena exceção com os seus chouriços, mas pequena: como algo, um pouco. Porque me lembram o chouriço da minha infância, na aldeia em que era mestra a minha madrinha, na casa das minhas tias em Lugo, na de meu avó em Betanzos, alguma vez em Mondoñedo, na casa de meu tio padre numa paróquia do extrarrádio da cidade de Lugo. Em geral, é o sabor do chouriço da infância, a adolescência e a juventude. Por isso, colho algum chouriço dos infinitos que ela me quer dar. E tomo-o de vez em quando. Senta-me bem essa energia do passado. Talvez

³⁹ Ramón Piñeiro, *Filosofia da Saudade*, op. cit., pp. 54-55, p. 68.

uma forma de senhardade, experimentada agora numa cozinha no meio de uma cidade ao pé do mar, enquanto frito, para desfrutar em parelha familiar, uns ovos que também me deu a minha amiga.

Não falei em chouriços para ilustrar, mais uma vez, a senhardade. É que, ao parecer, Heidegger gostava imenso deles: adorava os chouriços de Lugo. Que lhe proporcionava o seu discípulo, o filósofo também lucense, Domingo Carvallo, residente em Alemanha, antes e depois da Segunda Guerra Mundial. Esta é a anedota que, no começo, prometera. O que me contou aquele colega meu, que fez uma tese sobre o discurso nacionalista galego e que, com tal motivo, entrevistara Piñeiro e conversara reiterada e demoradamente com ele. Até é possível que, quando lhe comunicaram, talvez Celestino, o pagamento dos direitos de autor, Heidegger tenha dito, sublinhando o que verdadeiramente lhe interessava: mas, não esqueçam os chouriços! Isto diz, pelo menos, a lenda urbana⁴⁰.

Braz Teixeira, benfeitor do pensamento galego

Depois de debulhar estas conjeturas com que tentei responder a pergunta, porquê Ortega não e porquê Heidegger sim, sobre as afinidades eletivas do pensamento de Piñeiro e outros pensadores galegos, como Celestino Fernández de la Vega, só me resta agradecer ao professor Braz Teixeira o interesse prestado ao pensamento galego, desde há tanto tempo e em inúmeras manifestações: congressos, publicações sem conto e, felizmente, sem fim. Um pensamento, o galego, que naquela intervenção sua que acabamos de evocar, ele contextualiza, em meu ver, acertadamente, no pensamento espanhol, mostrando ademais neste caminhos formosos e honrosos, como o de Maria Zambrano, para pensar a saudade por fora das sendas heideggerinas. Insisto no meu agradecimento: felizmente, o pensamento galego faz parte também do contexto filosófico português e lusófono, graças, entre outros, a António Braz Teixeira e obras como a coletânea *Filosofia da Saudade*⁴¹, que, com Afonso Botelho, ele editou.

⁴⁰ Antón Baamonde, “Os chourizos de Heidegger”, in *El País*, 27/06/2008.

⁴¹ *Filosofia da Saudade*, seleção e organização de Afonso Botelho e António Braz Teixeira, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1986.